

## O pensamento marxista independente latino-americano: Apontamentos sobre as obras de Mariátegui e Mario Pedrosa

---

*Tiago Santos Salgado<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente texto tem como objetivo apontar os principais aspectos do pensamento dos autores Jose Carlos Mariátegui e Mario Pedrosa, que se destacaram pela independência e originalidade de suas obras, em que buscaram formular um pensamento marxista independente para explicar a formação história da América Latina.

**Palavras-chave:** América Latina. Mariátegui. Mario Pedrosa. Pensamento marxista.

### Latin American independent Marxist thought: Notes on the works of Mariátegui and Mario Pedrosa

**ABSTRACT:** This text has the aim of point the mainly aspects of the thoughts of the authors José Carlos Mariátegui and Mario Pedrosa, whom stood out by the independence and originality of their books, when they formulated an independent marxist thought in order to explain the historical construction of the Latin America.

**Keywords:** Latin America. Mariátegui. Mario Pedrosa. Marxist thought.

Artigo recebido em 20/09/2017 e aceito em 03/12/2017

A história da América Latina é marcada por um longo caminho de submissão política e econômica, muito relacionado à característica de nosso desenvolvimento capitalista tardio e dependente. No entanto, apesar desse cenário, constantes lutas sociais foram travadas a fim de encontrar alternativas às péssimas condições materiais de vida da população latino-americana. Nesse sentido, uma das discussões que marcaram o pensamento de esquerda no continente diz respeito as formas de pensar e realizar a revolução latino-americana. Ou seja, é possível, para uma região periférica na dinâmica capitalista, superar a condição de dependência e alcançar o desenvolvimento? Se sim, qual seria a natureza da revolução?

Nesse sentido, o marxismo na América Latina pode ser dividido em três períodos, sendo o primeiro deles, o revolucionário, que vai dos anos de 1920 até 1930, em que os teóricos marxistas tendiam a caracterizar a revolução como socialista, anti-imperialista e democrática. Um segundo momento, entre 1930 e 1959, com forte influência stalinista, que defendia a revolução etapista e um terceiro momento, após Revolução Cubana em 1959, que retorna aos ideais revolucionários<sup>II</sup>.

Assim, o objetivo do texto é traçar algumas características do pensamento de dois importantes intelectuais latino-americanos, Mariátegui e Mario Pedrosa, os inserindo nas dinâmicas e contradições presentes no interior do pensamento marxista latino-americano, em especial as diferenças entre suas interpretações sobre a realidade do continente em contraposto à corrente hegemônica de origem stalinista, que defendia que a América Latina precisava superar a etapa feudal do desenvolvimento buscando a consolidação da etapa nacional-democrática, tendo na união com a burguesia nacional uma de suas características mais importantes.

Assim, desde o século XIX, muitas das tentativas de interpretação da América Latina tomaram o desenvolvimento das antigas metrópoles europeias como modelo a ser seguido e como paradigma a ser copiado em terras americanas. Algumas dessas tentativas continham em sua origem uma determinação social que visava à manutenção do *status quo*, alijando grande parte da população das decisões políticas, uma vez que categorias desenvolvidas na Europa, que respondiam a uma realidade concreta específica, como o liberalismo, por exemplo, ao chegarem à América, foram adaptadas pelas elites oligárquicas às realidades locais, perdendo, dessa forma, muitas de suas potencialidades sociais. Tais pensadores tinham a intenção de construir, no continente, um liberalismo nos moldes do liberalismo europeu; esse era o caso de autores como, o argentino Esteban Echeverría e o mexicano José María Luis Mora que são “considerados defensores dos princípios liberais e construtores de uma certa concepção de democracia que justifica a exclusão de setores subalternos da arena política”<sup>III</sup>.

No entanto, ainda no século XIX, outras formas de se entender a América Latina puderam ser encontradas, elaboradas em uma perspectiva mais independente e autônoma, como Simon Bolívar e José Martí, que pensavam uma América integrada e independente. No caso de José Martí, a própria ideia de modernidade, denominada *Nuestra América*.<sup>IV</sup>

Durante o século XX, nos início dos anos 20, em um contexto de fortalecimento do movimento operário que, em sintonia com a Revolução Russa de 1917, permitiu por parte da classe trabalhadora algumas conquistas sociais, como ocorreu, por exemplo, no Peru em 1919: “o Peru estava em plena crise revolucionária [...]. Em 13 de janeiro de 1919 uma grande greve desencadeia-se em Lima e outras cidades importantes do país, obrigando o presidente Pardo a aprovar a jornada de 8 horas de trabalho.”. Na Bolívia, a movimentação operária foi relacionada à exploração do estanho, monopolizada por três grandes empresas que impuseram suas vontades ao frágil Estado boliviano, e submeteu a grande massa camponesa indígena à condições degradantes de trabalho e alienada do mundo urbano e das relações capitalistas, sendo a classe operária muito tímida e pouco organizada. No entanto, depois de convocações

de dois congressos por ferroviários na cidade de Oruro, foi perceptível a influência da Revolução Russa na organização dos trabalhadores, com a formação de uma Confederação Nacional do Trabalho. E, então, por volta de 1928 surgiu o Partido Comunista clandestino na Bolívia.

Essa era a situação de grande parte dos países latino-americanos, que experimentavam o surgimento e a organização dos trabalhadores. No Brasil, por exemplo, aconteceram diversas greves, que mobilizaram um expressivo número de trabalhadores, além da fundação do Partido Comunista em 1922. Esse ambiente possibilitou o aparecimento de pensamentos que mudaram – ou tinham a intenção – a América Latina.

## 1 – O pensamento marxista de Jose Carlos Mariátegui

Jose Carlos Mariátegui pode ser considerado um dos pensadores latino-americanos marxista mais importante até os dias atuais. Seus escritos perpassam áreas filosóficas e sócio históricas, além do jornalismo. Esta característica multidisciplinar proporcionou ao intelectual peruano formular uma das mais lúcidas e originais interpretações da realidade latino-americana.

Sua curta vida (35 anos) se confunde com um agitado e acelerado tempo histórico. Mariátegui presenciou uma série de acontecimentos que o moldaram e permitiram o desenvolvimento de um pensamento marxista autônomo e criativo.

Os breves 35 anos e 10 meses de vida de José Carlos Mariátegui transcorreram em um tempo histórico acelerado. Basta mencionarmos que foi o período das revoluções de 1935, na Rússia; 1910 no México, 1917 (março-fevereiro e outubro-novembro), na Rússia, desembocando na URSS; fundação da III internacional (Internacional Comunista), em meio a grandes esperanças de que a revolução proletária se expandisse pelo planeta; contenção desta onda revolucionária; ofensiva da direita em quase todo o mundo; intensas alterações no interior da URSS, que se expressaram no plano mundial, inclusive na atuação da III IC e dos partidos a ela vinculados; profunda crise do capitalismo a partir de 1929<sup>V</sup>.

Para compreender o pensamento de Mariátegui é necessário colocá-lo em seu devido contexto histórico, uma vez que seu livro *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, publicado em 1928, é apontado como o “mais influente, original e inovador estudo do processo histórico de uma nação realizado por um intelectual da América do Sul”<sup>VI</sup>. Nesse sentido, é importante apontar que Mariátegui começou sua atuação política como jornalista, se aproximando do movimento operário e sendo enviado ao exílio para a Europa pelo então presidente Augusto Leguía<sup>VII</sup>. Ficou a maior parte de sua estadia europeia na Itália, onde entrou em contato com os mais influentes jornais da época e com personalidades políticas e literárias europeias. Também assistiu a ascensão do fascismo e a formação do Partido Comunista Italiano, sendo que, ao retornar ao Peru, já se declarava marxista e socialista convicto, assumindo uma postura ativa no que diz respeito às lutas sociais no país. No entanto, sua atuação foi comprometida com as disputas no interior da Internacional Comunista depois da ascensão de Stalin na URSS<sup>VIII</sup>.

Fundador da Aliança Popular Revolucionária Americana (Apra) juntamente com Haya de La Torre, Mariátegui se desligou da organização em 1928, uma vez que esta se colocava dentro das diretrizes impostas por Moscou, que defendia uma Revolução Etapista na América Latina como meio para se chegar à Revolução Socialista. Mariátegui, por sua vez, que defendia a autonomia dos sindicatos e o protagonismo da classe trabalhadora, desligou-se da

Apra e fundou o partido Socialista Peruano com a intenção de organizar a classe operária revolucionária no país. Mariátegui também formulou uma crítica relacionada à luta anti-imperialista, questão que também esteve ligada ao seu desligamento da Apra, pois a organização tinha como objetivo combater o imperialismo, no entanto, um imperialismo reducionista, uma vez que:

[...] o anti-imperialismo é elevado à categoria de um programa, de uma atitude política, de um movimento que basta a si mesmo e que conduz espontaneamente, não sabemos em virtude de que processo, ao socialismo, à revolução social. Este conceito leva a uma desorbitada superestimação do movimento anti-imperialista, ao exagero do mito da luta pela “segunda independência”, ao romantismo de que já estamos vivendo as jornadas de uma nova emancipação<sup>IX</sup>.

Percebe-se que, para o intelectual peruano, este aspecto não era suficiente para se colocar como socialista, sendo que, para tal, era necessário um protagonismo da classe operária na escalada revolucionária e não da burguesia nacional, como previa o etapismo (ALMEIDA, 2010). Para ele até mesmo bandeiras como a reforma agrária, ou seja, a desconcentração da posse de terra nas mãos das oligarquias, não era necessariamente um caminho para a conquista do socialismo, podendo ser, inclusive, um aspecto desejado pelas potências imperialistas e ao desenvolvimento capitalista.

A criação da pequena propriedade, a desapropriação dos latifúndios, o fim dos privilégios feudais não são contrários aos interesses do imperialismo de modo imediato. Pelo contrário, na medida em que os últimos resquícios de feudalismo travam o desenvolvimento de uma economia capitalista, esse movimento de extinção do feudalismo coincide com as exigências do crescimento capitalista, promovido pelos investimentos e pelos técnicos do imperialismo; que desapareçam os grandes latifúndios, que em seu lugar, se constitua uma economia agrária baseada naquilo que a demagogia burguesa chama “democratização” da propriedade do solo, que as velhas aristocracias sejam deslocadas por uma burguesia e uma pequena burguesia mais poderosa e influente – e, por isso mesmo, mais apta para garantir a paz social -, nada disso está contra os interesses do imperialismo.<sup>X</sup>

Neste ínterim, foi publicado em 1928 sua grande obra, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, que tem como principais pontos a defesa da classe operária como protagonista, a responsabilização do imperialismo como gerador da desigualdade social, a solução socialista para a superação do atraso peruano e a importância dos povos nativos para a transformação política, dando importância para práticas coletivista com a terra, uma particularidade dos povos originários peruanos, o que evidencia um traço marcante no pensamento de Mariátegui: a relação entre os povos originários e o socialismo.

A fé no ressurgimento indígena não provém de um processo de “ocidentalização” material da terra keswa. Não é a civilização, não é o alfabeto, o que levanta a alma do índio. É o mito, é a ideia de revolução socialista. A esperança indígena é absolutamente revolucionária.<sup>XI</sup>

O autor atribuiu grande importância às tradições coletivistas como elemento favorável ao desenvolvimento do comunismo entre as massas camponesas da região, sendo o primeiro a abordar o problema agrário e sua relação com a forma pela qual os povos originários

produziam e viviam com a questão da terra, tentando aplicar de forma criativa o método marxista a um fenômeno especificamente latino-americano<sup>XII</sup>.

Também é importante ressaltar que, em 1933 Mariátegui fundou a revista *Amauta*, com o objetivo de discutir aspectos políticos, históricos, artísticos e culturais que marcavam as contradições sociais peruanas. O lançamento da revista foi importante pois se alinhou com um dos pressupostos mais importantes para Mariátegui: a necessidade de se criar uma classe operária politizada, sendo que a fundação da Confederação Geral dos Trabalhadores Peruanos (CGTB) e do jornal *Labor* também fizeram parte das iniciativas para que tal objetivo fosse concretizado.

Por fim, apesar das disputas em que se envolveu, em especial por conta da independência intelectual a qual sempre esteve relacionado, Mariátegui se colocou como um dos mais importantes pensadores latino-americanos, já que buscou formular uma crítica original sobre a região, ou seja, não pretendia que

[...] o socialismo seja na América decalque e cópia. Deve ser criação heroica. Temos que dar vida, com nossa própria realidade, em nossa própria linguagem, ao socialismo indo-americano. Eis aqui uma missão digna de uma geração nova<sup>XIII</sup>.

Em outras palavras, pretendia uma teoria que não fosse transferida mecanicamente de sistemas teóricos europeus para realidade latino-americana, mas sim uma análise teórica e metodológica que conseguisse abarcar as contradições inerentes das sociedades da América Latina, levando em conta a forma como o capitalismo se desenvolveu na periferia do sistema. Na prática, foi um dos primeiros esforços bem-sucedido para ‘nacionalizar’ o arcabouço teórico de Marx em nosso continente<sup>XIV</sup>.

## 2- O pensamento independente de Mario Pedrosa

Na mesma linha de grandes pensadores latino-americanos na qual se insere Mariátegui, também podemos encontrar o brasileiro Mario Pedrosa. Importante militante político e crítico de arte, foi figura atuante desde sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro na década de 1920, até a fundação do Partido dos Trabalhadores na década de 1980.

Mario Pedrosa tornou-se uma referência na utilização da interpretação marxista da arte no Brasil. Combateu a influência do estalinismo que buscava transformar a arte em mero objeto panfletário, como o movimento ‘realismo socialista’ que terminava por destruir as possibilidades revolucionárias da arte e das ações dos artistas. Ao contrário, ele defendia a autonomia da arte, a preservação e ampliação da liberdade do artista que, no regime capitalista, torna-se uma atitude revolucionária. O crítico de arte deveria ajudar a desenvolver a sensibilidade artística e a consciência, ajudando o homem a superar a alienação imposta pelo mercado capitalista. Trata-se de defender a cultura brasileira não através do isolamento, mas em contato com o que havia de melhor no seu tempo<sup>XV</sup>.

Durante esse percurso, Mario Pedrosa se dispôs a entender a realidade latino-americana sob um viés socialista e marxista sem sucumbir ao autoritarismo stalinista, buscando um pensamento político e artístico autêntico e independente dos desmandos soviéticos.

A trajetória intelectual de Pedrosa se iniciou na década de 1920, quando foi convocado para participar de cursos revolucionários ministrados na URSS, ocasião em que – inteirado

das polêmicas existentes no interior da cúpula política soviética – se colocou em consonância com a esquerda internacional, liderada por Trotsky<sup>XVI</sup>, contra o stalinismo.

No Brasil, com o aumento das ações integralistas, Pedrosa organizou uma frente única contra o fascismo que, em 1934, impediu o desfile de integralistas na Praça da Sé em São Paulo. Assim, às portas do Estado Novo, foi exilado na França em 1936, o que o levou a participar do Congresso de Fundação da Quarta Internacional<sup>XVII</sup> em 1938, sendo então designado o responsável pela América Latina no Comitê Executivo, sediado em Nova York.

Durante a II Guerra Mundial Pedrosa rompeu com a Internacional – a qual havia ajudado a fundar – em função da participação da URSS no conflito. Para Pedrosa, o pacto firmado entre Stalin e Hitler e as invasões promovidas pelo Exército Vermelho colocavam um grave perigo ao futuro do país, uma vez que,

Nossas teses sobre a guerra e a URSS, nossos documentos oficiais, os escritos de Trotsky nos ensinaram ser a guerra a situação mais perigosa para os destinos da URSS, não somente sob o aspecto de uma invasão militar como, sobretudo, no de rompimento, por dentro, da estrutura coletivizada da economia<sup>XVIII</sup> (PEDROSA, p.292, 2005).

Com esse posicionamento, Pedrosa buscou se colocar de forma autônoma frente à esquerda “oficial”, vinculada às diretrizes impostas pelo comunismo soviético, nas mais diversas perspectivas: tanto em relação à cultura – área em que se alinhou às diretrizes propostas pelo *Manifesto por uma arte revolucionária*, assinado por André Breton, Diego Rivera e Leon Trotsky que, em linhas gerais, defendia a “liberdade e autonomia dos artistas revolucionários, buscando se contrapor às injunções que tanto o realismo socialista como as vertentes nacionalistas buscavam impor ao mundo da cultura”<sup>XIX</sup> – até a política, em que tece críticas aos desenvolvimentistas, buscando inserir na discussão uma nova abordagem sobre o imperialismo norte-americano na América Latina.

Com relação a sua atuação como crítico de arte, é importante apontar a aproximação com o movimento surrealista, em especial, com o artista francês trotskista Andre Breton, membro da Quarta Internacional. Como apontado, Breton assinou, com o pintor mexicano Diego Rivera e o revolucionário russo Leon Trotsky, o documento intitulado *Manifesto por uma arte revolucionária*, em que se rompia com o stalinismo sem, no entanto, abandonar o marxismo e a revolução socialista.

Ao mesmo tempo reconhecemos que só a revolução social pode abrir a via para uma nova cultura. Se no, entanto, rejeitamos qualquer solidariedade com a casta dirigente na URSS, é precisamente porque no nosso entender ela não representa o comunismo, mas é seu inimigo mais pérfido e mais perigoso<sup>XX</sup>.

Os autores do manifesto se colocavam de forma contrária às diretrizes impostas aos artistas pela direção da URSS, evidenciando, no entanto, que não tinham a intenção de abandonar os ideais comunistas e revolucionários. Para os autores, a arte deveria desempenhar um papel fundamental na busca pela emancipação humana, não podendo ser restringida pelo stalinismo nem se tornar objeto mercadológico, como se pressupõe no capitalismo. A tarefa “suprema da arte em nossa época é participar consciente e ativamente da preparação da revolução”<sup>XXI</sup>, em outras palavras, a arte não deveria ficar restrita às regras soviéticas nem aos museus e casas de arte localizadas nas grandes potências capitalistas, mas sim, desempenhar um papel ativo na preparação da revolução, se tornando parte integrante da consciência revolucionária do operariado.

TIAGO SANTOS SALGADO

Dessa forma, Pedrosa entendia que a arte deveria ajudar o homem a entender o mundo, por isso, existia a necessidade de acompanhar o que havia de mais avançado no em seu tempo, rompendo com qualquer espécie de isolacionismo. Com este objetivo, Mario Pedrosa publicou, no período entre 1945 e 1948, o jornal *Vanguarda Socialista* no Rio de Janeiro, no qual endossava a condenação à participação da URSS na II Guerra Mundial.

Com essa posição, o jornal passou a sofrer ataques de setores da esquerda brasileira, em especial a liderada por Luis Carlos Prestes, já que foi pelo jornal que os ideais do *Manifesto por uma Arte Revolucionária* foram lançados no Brasil. O *Vanguarda Socialista* contou com colaboração de importantes artistas:

[...] Ferreira Goulart e Mario Faustino foram apoiados e ganharam visibilidade. Uma série de artigos de Mario Pedrosa e Pagú (Patrícia Galvão) e outros autores, revelavam o combate de ideias travado em torno das propostas libertárias pela liberdade e independência da arte<sup>XXIIXXIII</sup>.

Além de questões artísticas, o jornal também trabalhava questões teóricas, não deixando de participar de discussões econômicas e políticas, relacionando os mais diversos assuntos à teoria marxista.

Era um veículo aberto e disponível para o debate que se contrapunham ao dogmatismo do PCB. Publicava textos dos clássicos do marxismo como Marx, Engels, Trotsky, Rosa Luxemburgo<sup>XXIV</sup>.

Mario Pedrosa, como se percebe, foi figura atuante no pensamento marxista no Brasil, buscando uma teorização independente, sem a articular com as diretrizes impostas pelo stalinismo. Com o golpe militar no Brasil em 1964, Pedrosa se colocou na linha de frente da atuação política direta. Para tal, escreveu em 1966 duas obras em que fez um balanço da luta contra o capitalismo e das perspectivas de transformação; são elas, *A Opção Imperialista* e *A Opção Brasileira*. Em ambas as obras o autor se colocou como “teórico e pensador socialista independente tanto das correntes desenvolvimentistas como das concepções etapistas da revolução socialista brasileira”<sup>XXV</sup>.

Em *A Opção Imperialista*, Pedrosa colocou que a política imperial norte-americana começou a ser gestada já no final da década de 1930, sob a tutela estatal, o que afetava diretamente os interesses comerciais das grandes corporações dos EUA com os países latino-americanos. Para o autor, a política imperialista se iniciou, portanto, após a crise de 1929 com a participação do Estado, consolidando-se com a II Guerra Mundial.

Com a aproximação da Segunda Guerra, o ritmo da penetração imperialista estadunidense acelerou-se, tornando-se premente a necessidade de expulsar da América Latia todos os obstáculos à sua frente, para expulsar do resto do continente os antigos competidores econômicos, amigos na guerra ou inimigos.... Como sempre, surgem os ideólogos para formular teoricamente essas novas necessidades econômicas e darem avisos de universalidade e eternidade<sup>XXVI</sup>.

A relação entre o imperialismo norte-americano com a II Guerra Mundial seria, para Pedrosa, uma relação muito mais íntima, sendo o desenvolvimento capitalista potencializado pela guerra. Assim, se possibilitou o surgimento de uma grande massa de desempregados e miseráveis, ao mesmo tempo que se revitalizava o capitalismo com o aparecimento de novos mercados consumidores. Esse capitalismo deitou raízes em uma política estatal, também utilizada pelo nazismo, que depois do fim da Guerra continuava presente nos EUA. Nesse

sentido, a sociedade derivada do capitalismo estadunidense como ideal mundial, ou seja, a liberal democracia, mascarava, na verdade, uma sociedade totalitária, nos moldes nazistas.

Sob o regime das reformas contrarrevolucionárias institucionalizadas e, inclusive nos países democráticos ocidentais, a eficiência produtiva aumentou, a racionalidade econômica cresceu, a cultura chegou às massas, mas acima de tudo em detrimento do homem, do homem com seus fins e aspirações contraditórias, substituídos esses por jornadas de trabalho mais curtas mas infinitamente mais intensas e um dia-a-dia cada vez mais cheio de mata-tempos, distrações e divertimentos organizados, sistemas de informações crescentes em quantidade e relativa diminuição no valor, a propaganda das vantagens da melhor democracia, da melhor cerveja, do melhor calista, do melhor negócio, da melhor igreja, do melhor cinema, circo ou jogo, do melhor trabalhador o patrão, do melhor doutor, da melhor mãe, etc, etc. O melhor no pior também é objeto de admiração. Todas as manifestações culturais de nosso tempo participam desse otimismo, desse fechamento sobre o presente – é o ópio do povo. Tudo isso vem do arsenal totalitário das reformas contrarrevolucionárias. As categorias desaparecem, o homem é atomizado; é o ideal da democracia, da boa, isto é, representativa. Esse ideal foi criado pelo fascismo. É o que impera nos EUA<sup>xxvii</sup>.

Já a obra *A Opção Brasileira* avalia que a crise que levou ao golpe militar em 1964 representava a necessidade de o Brasil operar uma transformação em seu próprio modelo de desenvolvimento. Para Pedrosa, era necessário pensar esta questão sob dois eixos combinados: a formação particular do capitalismo brasileiro, em que o capitalismo encontrava travas estruturais em função das origens agrárias da burguesia nacional, e a economia mundial, que pela característica nacional encontrava em solo brasileiro um espaço aberto para a articulação com o capital internacional.

A crítica empreendida por Pedrosa tem como alvo a burguesia nacional, que não conseguiu formar no país um desenvolvimento capitalista autônomo, sendo necessário criar-se artificialmente a dependência do produtor às condições de trabalho. Para o autor, foi o Estado o responsável pela conversão da terra livre em propriedade privada, fixando arbitrariamente o preço para impedir a transformação do camponês em proprietário. Assim, a imigração foi uma empresa industrial para fornecer braços à grande agricultura cafeeira<sup>xxviii</sup>. Ou seja, para Pedrosa: “[a] centralização política, vinda de passo com a econômica, comprometeu e condenou, sem apelo, a formação de uma burguesia democrática”.

Nesse sentido, questionando a capacidade da burguesia nacional de se colocar como promotora do desenvolvimento autônomo do capitalismo brasileiro, Pedrosa aponta as limitações dos ideólogos do desenvolvimentismo, sendo o principal deles Celso Furtado, a quem o autor conferia como principal equívoco atribuir uma consciência de classe a burguesia industrial, se contrapondo aos fazendeiros, não percebendo que estes dois atores sempre andaram lado a lado<sup>xxix</sup>.

Para o autor, o grande erro – ou fraqueza – dos desenvolvimentistas seria concentrarem-se no fato de se constituírem em formuladores de uma ideologia, buscando encobrir as limitações da burguesia e do capitalismo nacional, ou mesmo, tentar contorná-los como se a história e a luta de classes se tratassem de puras abstrações (ANDRADE, 2012, p.5). Para Pedrosa, o desenvolvimento era uma questão política e não técnica, sendo necessária a participação efetiva das forças sociais na ação política.



TIAGO SANTOS SALGADO

[...] não há burguesia capitalista que tenha em seu todo interesses globais em uma política de industrialização como querem Furtado e outros intelectuais (...). Eles só querem fábricas quando as perspectivas de lucro são tranquilas. A classe dirigente industrial brasileira decepcionou os desenvolvimentistas (PEDROSA, 1966 apud ANDRADE, 2012, p.6).

Pedrosa entendia que, como alternativa para desenvolvimento nacional, deveria se efetuar a realização da “revolução brasileira”, sendo defendendo uma transição pautada no impulso econômico de uma economia planejada em articulação com a forte mobilização de massa. Desta forma, se poderia superar o impasse do crescimento e da natureza da burguesia dirigente. Ou seja, caberia ao

[...] estado nacional romper o impasse. Caberia assumir a responsabilidade estratégica pela retomada do desenvolvimento, recolocando afina, o problema no plano global que abrangesse toda nação e cuja finalidade central fosse a de considerar outro lado da economia nacional, onde se encontra a maioria do povo brasileiro, com objetivo de seus investimentos e de sua ação transformadora [...] (PEDROSA, 1966 apud ANDRADE, 2012, p.7)

Nesse aspecto, Pedrosa se colocou de forma independente ao pensamento vigente na esquerda brasileira da época ao propor um plano de desenvolvimento global, exigindo a mobilização e participação popular, se distanciou dos desenvolvimentistas e do marxismo etapista defendido pelo PCB, sendo que o desenvolvimento nacional e sua perspectiva socialista, nos moldes defendidos por Pedrosa, colocou em pauta a aliança entre as classes populares (operária e camponesa) sob a hegemonia operária.

[...]. Será agora a formulação de um modelo socialista, do socialismo combinado que poderá chamar ao supremo teste da nacionalidade as únicas grandes classes brasileiras até aqui em parte fora das responsabilidades sociais e políticas e ainda intactas nas suas vivas e profundas virtualidades – a classe operária e a classe camponesa<sup>xxx</sup>.

Portanto, para superar o impasse entre desenvolvimento nacional e a natureza retrógrada da burguesia brasileira, Pedrosa propôs um plano econômico que deveria ser instrumento político de mobilização popular, em substituição “a economia de mercado por uma economia de transição, planejada nos setores básicos [...]”. Sua importância está em que nos abre a via de transição de um capitalismo híbrido semiplanejado para o modelo de socialismo ‘combinado’<sup>xxx1</sup>; ou seja, o plano não deve se adaptar à demanda, mas sim, às necessidades sociais que se opõem aos planos de monopólio, sendo que o planejamento da economia brasileira não poderia ser capitaneado por um governo que se mantenha refém da economia de mercado.

Depois do lançamento dessas duas obras, Pedrosa se encontrava no período mais brutal da ditadura brasileira. Diante das torturas promovidas pelos militares, começou a denunciar o governo ditatorial à Anistia Internacional e em 1970 foi obrigado a fugir do país em direção ao Chile. Na época, o Chile era o reduto de muitos emigrados da ditadura brasileira, uma vez que vivia a experiência colocada em prática pela Unidade Popular sob a presidência de Salvador Allende. O programa político visava uma transição pacífica, democrática, para o socialismo.

Uma vez no Chile, Pedrosa se envolveu diretamente no governo de Allende, foi convidado para organizar o “Museu da Solidariedade”, conseguindo reunir obras de artistas

importantes como Juan Pablo Miró, Pablo Picasso, Calder e Soullages, entre outros. No entanto, em 1973, o Chile foi alvo do golpe militar encabeçado por Augusto Pinochet, em que o presidente Allende foi morto. Nesse contexto, Pedrosa foi obrigado a, mais uma vez, se exilar na França, retornando ao Brasil apenas no fim dos anos 1970.

Sua atuação política se fez presente até fundação do Partido dos Trabalhadores, destacando-se como um dos fundadores. Em texto de 1980, Pedrosa colocou que “O Partido dos Trabalhadores não é uma invenção de ninguém, nem mesmo de Lula e seus amigos, é porém, um produto lento da história do Brasil”<sup>XXXII</sup>, e ainda, mantendo-se fiel aos valores de liberdade e autonomia para o pensamento de esquerda, apontou que “ninguém pode traçar aprioristicamente e ainda menos doutrinariamente qualquer ação ou comportamento prévio para o nosso Partido dos Trabalhadores”<sup>XXXIII</sup>. Por fim, neste documento que data da fundação do PT, mantém sua visão socialista:

A missão do proletariado contemporâneo como classe dirigente de seus próprios interesses será oposta à da burguesia, pois, não levando o Estado a qualquer forma político do capitalismo, altera-lhe sem dúvida a forma classista, e como classe consciente abre o Estado uma perspectiva que tende a estabelecer formas consequentes e democráticas de socialismo<sup>XXXIV</sup>.

### Considerações Finais

O presente texto tem como objetivo levantar algumas questões acerca de dois pensadores marxistas latino-americanos, não tendo, obviamente, a pretensão de esgotar todas as possibilidades que os dois autores trabalhados abrem para pesquisa e para a compreensão da América Latina. O objetivo é apenas apontar as contribuições que Mariátegui e Mario Pedrosa trouxeram para o pensamento latino-americano e pontuar, de forma geral, como empreenderam pensamentos autônomos e independentes, contrários às doutrinas de setores da esquerda vinculadas ao stalinismo ou à interpretação da realidade da América Latina através de categorias que surgiram em contextos históricos diferentes dos presentes no continente latino-americano.

Nesse sentido, a obra de Mariátegui<sup>XXXV</sup> é muito importante para as pesquisas que buscam entender a realidade concreta da América Latina através de uma leitura original, que busca inserir na dinâmica criada pelo desenvolvimento capitalista, aspectos autóctones, em especial levantando a discussão acerca da propriedade da terra em uma região periférica que se notabilizou pela posição dependente na circulação capitalista. Assim, obra do intelectual peruano trouxe contribuições sem precedentes para o marxismo latino-americano.

Já as reflexões políticas de Mario Pedrosa, que muitas vezes acabaram por ficar “ocultas” em virtude de sua influente ocupação de crítico de arte, demonstram uma postura militante, marxista e socialista por parte do autor, que atuou durante toda sua vida, participando de discussões acaloradas com todas as correntes de esquerda no país e no mundo.

A análise das obras e da forma como os autores entendiam a América Latina demonstram a riqueza presente nas reflexões de pensadores marxistas latino-americanos, que, apesar de enfrentarem imensas dificuldades, seja em virtude da perseguição política das direitas, que utilizavam do poder repressor do Estado para reprimir forças populares, ou de próprias correntes de esquerda, que vinculadas aos pressupostos do stalinismo buscam impor uma “teoria explicativa universal” para a América Latina, conseguiram utilizar do método marxista para realizar um exercício de interpretação da realidade do continente, levando em consideração as contradições essencialmente locais, assim como a forma como o capitalismo se reproduz em sua periferia.

Dessa forma, assim como toda a tradição do pensamento marxista latino-americano, os autores em questão ajudaram a construir um pensamento autônomo no continente, que pensa não apenas em explicar as contradições do atraso latino-americano, que lega a milhões a miséria produzida pelas contradições capitalistas, mas para a superação de tal condição, para a construção de uma América Latina mais justa e integrada e socialista.

#### Notas

<sup>I</sup> Mestre em História pela PUC-SP

<sup>II</sup> LOWY, Michel. O Marxismo na América Latina, 2009, Fundação Perseu Abramo, São Paulo, p.9.

<sup>III</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho. América Latina no Século XIX: Tramas, Telas e Textos. Edusp, São Paulo, 2004, p.76.

<sup>IV</sup> SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos. Origens do Pensamento e da Política Radical na América Latina. Editora Unicamp, Campinas, 2016.

<sup>V</sup> ALMEIDA, Lúcio Flávio de. Nacionalismo e anti-imperialismo em um texto de Mariátegui. In: Lutas Sociais, Neils, São Paulo, 2010, p.152.

<sup>VI</sup> PERICÁS, Luiz Bernardo. José Carlos Mariátegui e o Brasil, In: Estudos Avançados, 24. São Paulo, 2010, p.335.

<sup>VII</sup> Augusto Bernardino Leguía foi presidente peruano por quatro mandatos (1908-1912;1919-1925;1925-1929;1929-1930), totalizando 15 anos na presidência peruana.

<sup>VIII</sup> Após a morte de Lenin em 1924 se verifica a disputa para a sucessão na URSS, sendo que Stalin assume como líder soviético. No entanto, Stalin coloca em vigor uma política autoritária e centralizadora que norteavam a atuação dos Partidos Comunistas em todo o globo. No plano interno, os líderes da oposição stalinista na URSS são expulsos do país, como no caso de Trotsky, que busca refugio no México.

<sup>IX</sup> LOWY, Michael. O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2006, p.133.

<sup>X</sup> Ibid, p.118

<sup>XI</sup> Ibid, p.104.

<sup>XII</sup> Ibid, p.110

<sup>XIII</sup> Ibid, p.106

<sup>XIV</sup> PERICÁS, Luiz Bernardo. José Carlos Mariátegui e o Brasil, In: Estudos Avançados, 24. São Paulo, 2010, p.33.

<sup>XV</sup> ANDRADE, Everaldo de Oliveira. Mário Pedrosa e o início de um novo olhar sobre a América Latina. In: Encontro Anplhac, Goiás, 2010.

<sup>XVI</sup> Perseguido por Stalin, Trotsky começa a organizar a oposição de esquerda ao Stalinismo.

<sup>XVII</sup> Fundada na França em 1938 a Quarta Internacional Comunista nasceu por iniciativa de Trotsky e seus apoiadores em contraposição a Terceira Internacional baseada nos pressupostos stalinistas.

<sup>XVIII</sup> PEDROSA, Mário. A defesa da URSS na guerra atual, 1939. In: Caderno AEL, v.12, n22/23, Campinas, 2005, p.292.

<sup>XIX</sup> ANDRADE, Everaldo de Oliveira. Mário Pedrosa e o início de um novo olhar sobre a América Latina. In: Encontro Anplhac, Goiás, 2010, p.2.

<sup>XX</sup> BRETON, André; RIVERA, Diego; TROTSKY, Leon. Por uma arte revolucionaria e independente. 1938, p.1. Acesso em: <http://www.culturabrasil.pro.br/poruma.htm>

<sup>XXI</sup> Ibid, p.2

<sup>XXII</sup>

<sup>XXIII</sup> ANDRADE, Everaldo de Oliveira. Mário Pedrosa e o início de um novo olhar sobre a América Latina. In: Encontro Anplhac, Goiás, 2010, p.4.

<sup>XXIV</sup> Ibid

<sup>XXV</sup> ANDRADE, Everaldo de Oliveira. A hipótese e Mário Pedrosa sobre a América Latina como laboratório da gênese imperial dos EUA nas décadas de 1930-40. In: Anais eletrônicos do X Encontro Internacional da ANPHLAC, São Paulo, 2012, p.1.

<sup>XXVI</sup> Ibid, p.6.

<sup>XXVII</sup> Ibid, p.3

<sup>XXVIII</sup> Ibid, p.4

<sup>XXIX</sup> Ibid.

<sup>XXX</sup> Ibid, p.8

<sup>XXXI</sup> Ibid, p.9

xxxii LOWY, Michael. *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2006, p.407.

xxxiii Ibid, p.410

xxxiv Ibid

xxxv PERICÁS, Luiz Bernardo. José Carlos Mariátegui e o Brasil, In: *Estudos Avançados*, 24. São Paulo, 2010, p.33.

### Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Lúcio Flávio de. *Nacionalismo e antiimperialismo em um texto de Mariátegui*. In: *Lutas Sociais*, Neils, São Paulo, 2010.

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. *A hipótese e Mário Pedrosa sobre a América Latina como laboratório da gênese imperial dos EUA nas décadas de 1930-40*. In: *Anais eletrônicos do X Encontro Internacional da ANPHLAC*, São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. *A opção anti-imperialista e a crítica ao desenvolvimentismo por Mário Pedrosa*. In: *Anais do XXI encontro Estadual de História – ANPUH-SP*, Campinas, 2012.

\_\_\_\_\_. *Mário Pedrosa e o início de um novo olhar sobre a América Latina*. In: *Encontro Anphlac*, Goiás, 2010.

\_\_\_\_\_. *O Impacto da revolução russa de 1917 nos países andinos: Peru, Bolívia e Equadros*.

BRETON, André; RIVERA, Diego; TROTSKY, Leon. *Por uma arte revolucionária e independente. 1938*. Acesso em: <http://www.culturabrasil.pro.br/poruma.htm>

LOWY, Michael. *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2006.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *O problema indígena na América Latina*. In: LOWY, Michael. *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. *O Socialismo indoamericano*. In: LOWY, Michael. *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ponto de Vista antiimperialista*. In: LOWY, Michael. *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. *Prólogo a Tempestade nos Andes*. In: LOWY, Michael. *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2006.

PEDROSA, Mário. *A defesa da URSS na guerra atual, 1939*. In: *Caderno AEL*, v.12, n22/23, Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *A Opção Brasileira*, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1966.

\_\_\_\_\_. *A opção Imperialista*, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1966.

\_\_\_\_\_. *O PT e o Estado*. In: LOWY, Michael. *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2006.

PERICÁS, Luiz Bernardo. *José Carlos Mariátegui e o Brasil*, In: *Estudos Avançados*, 24. São Paulo, 2010.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no Século XIX: Tramas, Telas e Textos*. Edusp, São Paulo, 2004.